Artigos de Revisão

O Ser-No-Mundo e o Cuidado Humano: concepções heideggerianas

Being-in-the-World and Human Care: Heidegger's meditations

El Ser-en-el-Mundo y el Cuidado Humano: concepciones heideggerianas

Catarina Aparecida Sales[1]

RESUMO: Este artigo traz uma revisão acerca de algumas concepções heideggerianas relacionadas à questão do *ser* e o cuidado. Objetiva despertar nos profissionais de saúde a importância do cuidado humano em seus cotidianos. Inicialmente, são aduzidas algumas elucidações dos filósofos gregos a respeito da questão do *ser*, resgatadas por Heidegger na elaboração de sua metafísica, seguidas de um breve relato do pensar heideggeriano sobre as formas deste *ser* se manifestar ao mundo, como um ente ôntico-ontológico; são analisadas idéias elaboradas pelo filósofo no tocante ao processo do ente transcender a si mesmo tornando-se um *ser* do cuidado. Na continuidade da questão do cuidado, são exibidas considerações a respeito da crise do distanciamento contemporâneo dos profissionais de saúde acerca do cuidado e a importância das ciências da saúde em resgatar o cuidado humano esquecido no horizonte existencial de cada *ser*.
Palavras-chave: Ontologia; cuidado; humanização; filosofia da enfermagem.

ABSTRACT: This paper reflects on some of Heidegger's conceptions regarding the question of being and care. The aim is to make health professionals aware of the importance of human care in their daily duties. The study first cites some Greek philosophers' elucidations on the question of being which are revisited by Heidegger in developing his metaphysics. Next follows a brief description of Heidegger's thoughts on the ways this being is manifest in the world as an ontonic-ontological entity. Then a brief account is given of Heidegger's ideas about the process of that entity transcending itself to become a being of care. Continuing with the question of care, remarks are offered on the crisis of contemporary health workers' increasing remoteness from care and the importance of health sciences' restoring human care, which has been forgotten on the existential horizon of each being.
Keywords: Ontology; care; humanisation; philosophy of nursing.

RESUMEN: Este artículo trae una revisión acerca de algunas concepciones heideggerianas relacionadas a la cuestión del Ser y el cuidado. Intenta despertar en los profesionales de salud la importancia del cuidado humano en sus cotidianos. Inicialmente, son aducidas algunas elucidaciones de los filósofos griegos respecto a la cuestión del Ser, rescatadas por Heidegger en la elaboración de su metafísica, seguidas de un breve relato del pensar heideggeriano sobre las formas de este Ser se manifestar al mundo, como un ente óntico-ontológico; ideas elaboradas por el filósofo en lo tocante al proceso del ente trascender a si mismo tornándose un Ser del cuidado. En la continuidad de la cuestión del cuidado, son exhibidas consideraciones a respecto de la crisis del alejamiento contemporáneo de los profesionales de salud acerca del cuidado y la importancia de las ciencias de la salud en rescatar el cuidado humano olvidado en el horizonte existencial de cada Ser.
Palabras clave: Ontología; cuidado; humanización; filosofía de la enfermería.

Introdução

Toda a preocupação em teorizar os temas pertinentes ao *ser* foi provocada, desde a antiguidade, pelas especulações sobre Deus, o homem e o mundo. Assim, a filosofia procurou, por meio de reflexões metafísicas, as respostas para os enigmas da existência humana, pois todo pensar filosófico é a expressão de um espectro histórico do *ser*. Entretanto, na concepção heideggeriana, a metafísica moderna, que começa com Descartes, não considerou a relevância das idéias dos primeiros filósofos ou pensadores gregos.

[1]Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Mestrado em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá – PR, Brasil. Membro do Núcleo de Estudos, pesquisa, assistência, apoio à família(Nepaaf). E-mail: catasales@hotmail.com.

Desse modo, Heidegger[1], ao publicar Introdução à Metafísica, volta-se para a filosofia grega, a fim de encontrar nas idéias desses pensadores o fio condutor de um pensamento verdadeiro e não metafísico do *ser* e a partir dessa compreensão elaborar uma metafísica que superasse os modelos dualistas do pensar ocidental moderno. Em seu pensar, a metafísica deveria ser construída a partir de sua origem autêntica – *meta* (além) e *tà physiká* (ente natural) e assim transcender o ente para investigar o *ser*.

As primeiras especulações a respeito do que é o *ser* surgem com os pensadores pré-socráticos, ou primeiros filósofos, que concebiam a *phýsis* (natureza) como o mundo existente, no qual todos os seres e coisas interagiam, evoluíam e se transformavam. Para eles, a *phýsis* estava presente em tudo o que acontecia, tanto aquilo que surgia representando o movimento quanto o que se mantinha em repouso. Para esses filósofos, na natureza não havia contrastes, pois buscavam na aparência das coisas um modo de ser constitutivo da realidade. "A *phýsis* era para esses pensadores o nome do *ser*"[2:29].

No entanto, os gregos não concebiam o que era a *phýsis*, nos fenômenos naturais. Ao contrário, essa percepção surgiu pela "força da experiência essencial do *ser*, facilitada pela poesia e pelo pensamento, se lhes des-velou o que haviam de chamar phisis"[1:45]. Somente em razão desse desvelamento, puderam ter olhos para a natureza em sentido estrito.

Entretanto, é com Parmênides que a investigação sobre a questão do *ser* começou a desenvolver-se, tornando-se ele um revolucionário ao considerar que a aparência sensível das coisas da natureza não possuía realidade, não existia verdadeiramente. Assim, o pensar filosófico da época sofre um profundo abalo, transformando-se em algo novo e mais maduro, vale dizer, uma ontologia. A essência do pensar parmenidiano enreda-se a partir do princípio da verdade. O *ser* é e não pode não ser; o não-ser não é[3].

Sobre esse pensamento, Heidegger alude que, com sutileza poética e de acordo com a tarefa em si, Parmênides expõe

> o *ser* do ente em contraste com o vir-a-ser. O *ser* mostra-se a ele como a própria solidez (Gedirgenheit) do consistente concentrado em si mesmo, não sendo atingido por nenhuma inconstância nem mudança[1:124].

No Século IV a.C., Platão, ao desenvolver sua teoria das idéias ou essências, provoca outra transformação na filosofia antiga: a *phýsis* é interpretada como idéia. Para ele, o verdadeiro *ser* também é uno, imutável, idêntico a si mesmo, eterno, imperecível e puramente inteligente. Todavia, em seu pensar, existem outros seres que apresentam as mesmas características do *ser*. E o não-ser não é o nada, são coisas (entes) que não possuem as peculiaridades do *ser*, o que torna um ser inferior ao *ser*[2].

A reflexão platônica norteou-se em dois mundos: o mundo das idéias, que é o mundo inteligível do *ser*, e o mundo da aparência, ou seja, o mundo sensível das coisas ou aparências, que é o mundo do não-ser, que em sua concepção é uma cópia imperfeita do mundo inteligível.

Diferentemente de Platão, Aristóteles procurou projetar as formas e idéias na matéria sensível. Para o pensador, o ser inaparente não estaria alojado numa região específica do mundo sensível, mas presente no mundo sensível, e em cada ente que é. Aristóteles estabeleceu correlação entre matéria ou substância e forma ou essência. A forma constitui-se na essência de algo ser o que é, e não outra coisa; e a matéria, por sua vez, determina as mudanças que podem ocorrer na forma do *ser* sem alterar sua essência[4:1]

Após essas investigações, principalmente de Platão e Aristóteles, a elaboração da questão do *ser* aguçou o pensar de vários filósofos, (Kant, Hegel, Nietzsche), os quais, entretanto, não retomaram o tema com as indagações que nortearam as pesquisas iniciais. Para Heidegger, as conjeturações desses filósofos apenas consolidam o esquecimento do *ser* em sua acepção mais originária. Assim, em 1927, Martin Heidegger, ao publicar *Ser e Tempo*, parte das pesquisas ontológicas elaboradas pelos gregos para buscar compreender o sentido do *ser*, isto é, a elaboração concreta sobre a questão do *ser* e sua relação com o cuidado.

Assim, este artigo busca revisar algumas idéias da analítica existencial heideggeriana explanada em *Ser e Tempo*, objetivando despertar nos profissionais de saúde a importância do cuidado humano em seus cotidianos. Explicitamos que, ao longo do artigo, articulamos o pensamento heideggeriano com alguns autores contemporâneos que discorrem sobre o tema, como também profissionais da saúde que abordam o cuidado numa perspectiva existencial.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, abrangendo textos produzidos no período de 1996 a 2008, a partir dos descritores: ontologia, cuidado, cuidado de enfermagem, cuidado humano, fenomenologia e Heidegger.

Ser-no-Mundo: unidade de homem e mundo

Em sua obra, *Ser e Tempo*, Heidegger[5] propôs-se a analisar como o ser humano vivencia suas experiências à medida que toma consciência do seu estar-lançado-no-mundo. Assim, "caminha de uma fenomenologia hermenêutica do ser humano para uma ontologia fundamental do *ser*"[6:43].

Ser, para o filósofo, é a maneira como algo se torna presente, manifesto, percebido, compreendido e finalmente conhecido para o ser humano, designado por ele de *ser-aí* ou *ser-no-mundo*, sendo que as características fundamentais que permitem ao *ser-aí* manifestar-se, desvelar-se são denominadas de ontológicas ou existenciálias. Heidegger expõe ainda que tudo o que o homem percebe, entende, conhece de imediato, é ôntico ou existenciário. Se as características ontológicas desvelam o *ser-no-mundo*, em sua concretude, os aspectos ônticos dizem respeito ao ente. O filósofo chama de ente coisas e em múltiplos sentidos. Ente é tudo que compreendemos, com quem nos relacionamos de qualquer forma, ente é também considerado o que simplesmente é como nós mesmos somos[5].

Nessa perspectiva, o fio condutor de sua analítica existencial funda-se no ente que nós próprios somos, e que ele nomeia de *dasein*, *ser-no-mundo* ou de *ser-aí*. Nesse sentido, caminha do ôntico ao ontológico, ou seja, da explicação do modo como o ente vivencia sua facticidade em *estar-no-mundo* para a explicitação da compreensão do *ser*.

Pode-se entender então que o *ser-aí* manifesta-se como ente (ôntico), fundamentado na constituição (ontológica) que sustenta seu estatuto de *ser*. Portanto, a constituição ontológica do *ser-aí* é que sua essência está fundada em sua existência, e para que se possa depreender o sentido do *ser*, deve-se interpretá-lo existencialmente[7].

O termo existencialidade ou existência para Heidegger[5] não é empregado no mesmo sentido em que se diz que uma pedra ou a lua existe, mas designa a existência interior e pessoal, isto é, a própria essência do *ser* que se manifesta em um poder único de abrir-se ao mundo. Nesse sentido, o ser humano existiria como antecipação de suas próprias possibilidades, existiria na frente de si mesmo e agarraria sua situação como desafio ao seu próprio poder de tornar-se o que deseja.

A questão da existência, na meditação heideggeriana, também é mencionada por outros filósofos, como é ressaltado a seguir:

> Para mostrar o caráter único do ser humano de ser uma abertura para o mundo e que só se expressa como a partir, dessa abertura. A existência não é uma coisa. Ela espacializa, mas não ocupa espaço; ela temporaliza, mas não se objetiva no tempo. Como diz Heidegger; a existência não é, de forma alguma e, em nenhuma circunstância, algo possível de objetivação. Não a encontramos em nenhum lugar de tal modo que possamos referi-la a um gato ou uma árvore. [...]. A existência para Heidegger é a abertura que fornece as estruturas de interpretação mais radicais de que dispomos, e pelas quais podemos interpretar o mundo, a história e a nós mesmos[8:32].

Esse processo de abertura do homem ao *estar-no-mundo* pode ser manifestado, em primeiro lugar: como uma afetividade ou disposição; em segundo: como compreensão e, em terceiro: como linguagem. Essas formas de o homem mostrar-se ao mundo Heidegger denomina características existenciálias. Todavia, na meditação heideggeriana, a linguagem não é apenas uma característica existencial entre outras, mas o existencial primordial, em que todos os modos de *ser-no-mundo* estão entrelaçados, ou seja, por meio do discurso torna-se possível compreender a situação do homem no mundo[6.]

> Na obra de Heidegger, encontramos a compreensão fundamental do existir humano: o homem é um ente cujo ser se dá como *ser-no-mundo*, ou seja, enquanto uma rede de significação, uma trama de referências, construída junto aos outros entes que vêm ao seu encontro e com os quais se aproxima, usa, manipula – e junta aos outros homens com os quais convive e se comunica[9:135].

Nessa perspectiva, o discurso é uma instância ontológica que pode ser manifestado em diversas línguas, compartilhada com outros, e que permite transmitir vivências, partilhar sentidos e trazer informações do próprio interior do sujeito. É, pois, com base nessa abertura que se incluem as emoções, vida afetiva, lazer, trabalho, crenças e outros aspectos fundamentais da existência humana[6].

Logo, por ser o discurso uma instância ontológica, ele é constituído pelo *ser-no-mundo* e, como tal, possui a essência especificamente mundana, isto é, o *ser-aí* é um ente situado no mundo, realizando-se como ser de linguagem. O discurso do mundo

> é a palavra do *ser* e a sua existência reflete esta linguagem fundamental, ou seja, por meio do discurso torna-se possível compreender a situação do homem no mundo[5:205].

O Ser-no-Mundo e o Cuidado

O ser, em razão da sua disposição, possui um modo de existir em que a *pre-sença* abre para si e para os outros ao estar *lançando-no-mundo*. E neste

estar lançando encontra-se em possibilidade de viver de maneira inautêntica ou autêntica.

A inautenticidade é analisada por Heidegger[5] como a descrição da vida cotidiana humana, que decorre da faticidade do homem ser *lançado-no-mundo*, independente de sua vontade, vivendo em sua própria existencialidade, isto é, em uma existência interior e impessoal. Nesse momento, o ser humano existiria como antecipação de suas próprias possibilidades. O homem seria assim um *ser* que se projeta para fora de si mesmo, permanecendo dentro das fronteiras de seu próprio mundo, vivendo de modo indiferente no mundo que o envolve.

Na existência inautêntica, o homem vive uma abertura que não lhe pertence como algo que ele possa dispor, e nessas condições, o *ser* fecha-se em si mesmo, alienando-se totalmente de sua principal missão que seria tornar-se si mesmo, ou seja, um *ser* de possibilidades para a cura[7].

Segundo Heidegger[5], a inautenticidade atinge também o domínio do encontro, pois, nesta condição, o outro não é alguém que faz parte do mundo do *ser*, portanto, não faz parte de seu cuidado, privando o homem de suas possibilidades, a vida inautêntica contribui para o estado de queda do ser humano, assim, o existir, passa a ser um constante estado de não-compromisso, isto é, deixar-se viver no tempo que passa.

Entretanto, diz Heidegger, para que o homem possa desvelar-se como um *ser-de-cura*, necessário se faz desvendar a existência autêntica do homem, aquela que o torna verdadeiro revelador do *ser*, e onde o ser deve buscar possibilidades de abertura mais abrangentes e originárias dentro da própria *pre-sença*. E dentro dessas possibilidades a angústia é, entre todos os sentimentos e modos da existência humana, aquela que pode reconduzir o homem ao encontro de sua totalidade como um *ser* ôntico-ontológico, fazendo-o sair da monotonia e da indiferença da vida cotidiana[5].

O pensador enfatiza ainda que, a partir desse estado de angústia, o homem visualiza uma nova possibilidade, ou seja, superar a própria angústia, manifestando seu poder de transcendência sobre o mundo e sobre si mesmo. Ao transcender esse estado angustiante, o homem eleva-se das mesquinharias do cotidiano até o autoconhecimento de suas dimensões mais profundas, projetando ao mundo suas próprias possibilidades.

Entretanto, ao projetar-se, o homem passa de um ser solitário para um estar com o outro e isso se manifesta no seu cotidiano, por meio da possibilidade de abertura ao mundo. Essa possibilidade de projetar-se faz despertar no homem o sentimento de solicitude por outrem, conduzindo-o ao amor e à comunicação direta. Conseqüentemente, encontra-se sempre em uma situação de cuidado consigo mesmo e com os outros ao seu redor[5].

É o cuidado que conduz o homem à abertura para o universo existencial. É por meio do cuidado que o homem transporta-se em um existir para além do já dado. O cuidado é, portanto, o primeiro gesto da existência, o horizonte da transcendência, a priori, um horizonte capaz de ir além de sua própria existência. O homem apenas existe como tal em face de outro homem e para que o homem seja humano, para que ele possa desenvolver-se como pessoa, è necessário que ele conviva com outros entes, que ele possa efetuar trocas com os seus semelhantes. O homem apenas se conhece na sua relação com o outro[5].

A preocupação como ser existente é, segundo o filósofo, o próprio *ser-aí* onde o *aí* é o próprio mundo. O cuidado é a totalidade das estruturas ontológicas do *ser*, enquanto é um *ser-no-mundo*; em outras palavras, *ser* que compreende todas as possibilidades da existência enquanto estão vinculadas às coisas e aos outros homens.

Não obstante, o pensador adverte que o termo cuidado não tem a ver com os termos aflição, tristeza, e as preocupações da vida como se revelam onticamente ao ser no mundo. Ao contrário, é alegria justamente porque o ser que descreve é o cuidado e como o cuidado pertence de modo essencial ao *ser-no-mundo*, o ser em relação ao mundo é essencialmente um preocupar-se com.

É o cuidado que torna significativa a vida e a existência humana[10-19]. *Ser-no-mundo* é cuidar, é ser cuidadoso. O cuidado é, pois, o estado primordial do *ser*, do homem, no seu esforço em adquirir autenticidade, portanto, é o primeiro gesto da existência, o horizonte da transcendência. Apesar de cada um ter a sua visão de mundo, esse horizonte da transcendência é o mesmo para todos.

Assim, por meio do cuidado, o homem visualiza um estado de liberdade para exercer a possibilidade efetiva de ser cuidado[10-19]. Portanto, a maneira autêntica de o homem viver no mundo revela-se sempre cheia de cuidados, zelos, ansiedades, dirigidos pela dedicação e devoção a alguma coisa. É um modo existencial de ser no mundo com o outro. "Numa perspectiva fenomenológica, entende-se que isso corresponde á autenticidade do existir humano"[10:359].

> Sem o cuidado, ele deixa de ser humano. Se não receber cuidado, desde o nascimento até a mor-

> te, o ser humano desestrutura-se, definha, perde o sentido e morre. Se, ao largo da vida, não fizer com cuidado tudo o que empreender, acabará por prejudicar a si mesmo e por destruir o que estiver à sua volta [...]. Por isso o cuidado deve ser entendido na linha da essência humana. O cuidado há de estar presente em tudo[11:34].

O Ser-no-Mundo e o Cuidado Contemporâneo

Em *Ser e Tempo*, Heidegger introduziu no âmbito da metafísica uma compreensão inteiramente nova de existência, na qual insere a essência do homem como *ser-no-mundo*. Todavia, o filósofo, nessa época, não vislumbra o que é *ser-no-mundo* atual, isto é, o *ser-no-mundo* entendido em um sentido epocal, histórico, contemporâneo.

A partir de 1930, o pensamento heideggeriano sofre uma reviravolta, demonstra a preocupação do filósofo com as crises suscitadas na época contemporânea, principalmente em relação ao *ser-no-mundo* e o cuidado. Para ele, a ciência criada desde os inícios da era moderna transformou a subjetividade e a vida. O homem contemporâneo alienou-se na massificação da vida esquecendo-se de sua essência básica, isto é, ser um *ser* do cuidado. O *estar-com-outro* de uma forma autêntica escondeu-se atrás de palavras vazias e o cuidado tornou-se algo objetivável[2]. "O que somos e como somos com os outros denunciam o quanto nos encapsulamos e vivemos de maneira coisificada"[12:253]. Assim, a autenticidade do cuidado se esconde na inautencidade do *ser-no-mundo*.

Na interpretação heideggeriana, esses modos deficientes de solicitude relacionam-se com a desumanização do homem numa sociedade de massa, em que toda a humanidade espiritual é suprida e surge a mórbida irresponsabilidade e desafeto. Dessa forma, os profissionais envolvidos no cuidado ao ser doente deixam-se em muitos momentos se guiarem pela situação, eximindo-se de sua responsabilidade; não decide, não toma iniciativa, pois tudo já está decidido em seu cotidiano. Nesse sentido, torna-se imprescindível às ciências da saúde

> ampliarem o modo de conceber seus estudos sobre o homem, passando a considerá-lo na sua vivência, na sua totalidade e no seu fluxo no tempo, com seus entrelaçamentos existenciais, incorporando sua historicidade[13:167].

> A busca da compreensão das facticidades do viver do ser humano, sob o enfoque existencial, possibilita aos profissionais da saúde descortinar outras formas terapêuticas, cujo ponto de referência é o ser e suas relações com o mundo, valorizando a subjetividade e a intersubjetividade, além do conhecimento técnico-científico[14:154].

Entendendo também que os problemas de saúde que as pessoas vivenciam, concretamente, não podem ser analisados isoladamente. Há necessidade de abordar completamente a totalidade existencial do ser humano, avaliando como o problema é vivido por ele em seu estar-no-mundo, onde a doença deve ser

> compreendida, como a manifestação do horizonte vivido e experienciado pelo homem na coexistência e na pluralidade de vivências com os outros, no seu *ser-no-mundo*[13:167].

Considerações Finais

Atualmente, vivencia-se no âmbito das ciências da saúde, principalmente na enfermagem, uma tendência dos cuidadores em fugirem da responsabilidade de serem si mesmos, de cuidarem de seu existir e de seu poder ser essencial, vivendo de uma maneira coisificada. Nesse sentido, o ser humano vive encapsulado em seu mundo, ou seja, impelido a manter-se distante de seu modo mais essencial de ser, que é o cuidado.

Em condições semelhantes, o homem é transformado em uma espécie de alienação de si mesmo, des-enraizando-se de seu próprio projeto existencial, isto é, ser um ser do cuidado. Ele passa a estar entregue a esse estranho e desmedido maquinismo impessoal, o cuidado humano, nesse pensar torna-se algo discutido apenas nos bancos universitários, pois, na prática, transforma-se em um caminho ambíguo, ou seja, enfatizado por todos, mas não implementado concretamente por ninguém. Em vista disso, a afetividade pode ser apreendida como um modo da equipe de enfermagem captar e compreender não apenas o seu *existir-no-mundo*, mas desvelar seu poder ser próprio às pessoas ao seu redor[9].

Nessas circunstâncias, é imprescindível o despertar dos profissionais de saúde para a natureza reflexiva de seu existir-no-mundo, pois é refletindo consigo mesmo que a consciência de si mesmo surge. Essa transcendência capacita o ser humano a projetar-se em direção ao seu poder ser autêntico, libertando-se do vazio existencial, no qual está enredado, e assim desvelar-se a si e desvendar o mundo ao seu redor.

Com isso, compreende-se que o cuidado é a pedra fundamental na construção de um novo mundo, pois ele é o evento do ser em nós, ele é a possibilidade de abertura do ser humano nesse seu estar-

no-mundo. Resgatar o cuidado autêntico, nesses momentos de crise, é calar o eco do vazio adormecido na consciência do homem.

> O cuidado é a pedra fundamental do respeito e da valorização da dignidade humana, sobre o qual tudo o mais deve ser construído. É no cuidar que mais expressamos nossa solidariedade para com os outros, e é por esse caminho que toda relação terapêutica, enquanto tal, deveria se caracterizar[15:24.]

Referências

1.Heidegger M. Introdução à metafísica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1999.
2.Michelazzo JC. O um como princípio aos dois como unidade: Heidegger e a reconstrução ontológica do real. São Paulo: Fapesp; Annablume; 1999.
3.Bornheim GA, organizador. Parmênides de Eléia. In: Bornheim GA, organizador. Os filósofos pré-socráticos. São Paulo: Cultrix; 2001. p. 53-59.
4.Critelli DM. Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense; 1996.
5.Heidegger M. Ser e tempo. Rio de Janeiro: Editora Vozes; Editora Universitária São Francisco; 2006.
6.Martins J. Ontologia de Heidegger. In: Martins J, Bicudo MAV. Estudo sobre existencialismo, fenomenologia e educação. São Paulo: Centauro; 2006.
7.Sales CA. Cuidado no cotidiano da pessoa com neoplasia: compreensão existencial [tese de doutorado]. Ribeirão Preto(SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 2003.
8.Josgrilberg RS. A fenomenologia como novo paradigma de uma ciência do existir. In: Pokladek DD, organizadora. A fenomenologia do cuidar: prática dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional. São Paulo: Vetor; 2004. p.31-52.
9.Silva MRB, Borgognoni L, Rorato C, Morelli S, Silva MRV, Sales CA. O câncer entrou em meu lar: sentimentos expressos por familiares de clientes. R Enferm UERJ. 2008; 16:70-5.
10.Ferreira NMLA, Valle ERM. Ser-com-o-outro no mundo do cuidado em enfermagem. Rev Enferm UERJ. 2005; 13:354-60.
11.Boff L. Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes; 2003.
12.Pokladek DD. "Ser de alguém ou não ser de ninguém" uma perspectiva fenomenológica- existencial.In: Pokladek DD, organizadora. A fenomenologia do cuidar prática dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional. São Paulo; Vetor, 2004. p. 79-94.
13.Santos DL, Pokladek DD. Fenomenologia e ciência da saúde. In: Castro DSP, Pokladek, DD.; Ázar, FP. Piccino JD, Josgrilberg RS, organizadores. Existência e saúde. São Bernardo do Campo: UNESP; 2002. p. 163-70.
14.Motta MGC. O entrelaçar de mundos: família e hospital. In: Elsen I, Marcon SS, Silva MRS, organizadoras. O viver em família e sua interface com a saúde e a doença. Maringá: Eduem; 2004. p. 153-67.
15.Pessini, L. A filosofia dos cuidados paliativos: uma resposta diante da obstinação terapêutica. O mundo da saúde 2003; 27:15-32.
16.Crivaro ET, Almeida IS, Souza IEO. O cuidar humano: articulando a produção acadêmica de enfermagem ao cuidado e ao cuidador. Rev enferm UERJ. 2007; 15:248-54.
17.Vieira PR, Rodrigues BMRD. O adolescente em hemodiálise: estudo fenomenológico à luz do cuidado ético de enfermagem. Rev enferm UERJ. 2007; 15:417-22.
18.Sales CA, Silva MRB, Borgognoni K, Rorato C, Oliveira WT. Cuidado paliativo: a arte de estar-com-o-outro de uma forma autêntica. Rev enferm UERJ. 2007; 16:174-9.
19.Fontes CAS, Alvim NAT. Cuidado humano de enfermagem a cliente com câncer sustentado na prática dialógica da enfermeira. Rev enferm UERJ. 2008; 16:193-9.

Recebido em 12.12.2007
Aprovado em 17.09.2008